

DIREITOS HUMANOS PARA TODOS!

Expondo a desigualdade e a violência contra
trabalhadores de sexo na África Austral

Evidências sobre violações dos direitos
humanos 2025

"A revogação de sistemas
prejudiciais que criminalizam
o trabalho de sexo reduz a
violência! Nenhum ser humano
merece ser agredido, violado,
abusado e morto. A justiça
deve seguir o seu curso."

Photo: Blindspotfilms

 **aidsfonds**




SASWA
SOUTHERN AFRICA SEX WORKERS ALLIANCE

INTRODUÇÃO

Os direitos humanos são universais e incluem os trabalhadores de sexo. No entanto, em 2025, os trabalhadores de sexo continuam a enfrentar violações generalizadas dos seus direitos, incluindo criminalização, estigma e discriminação. Estas realidades obrigam os trabalhadores de sexo a operar em ambientes inseguros e ocultos, expondo-os à violência e exploração diária.

A criminalização e o estigma limitam severamente o acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva, cuidados de saúde essenciais e tratamento para o HIV. Como resultado, os trabalhadores de sexo continuam a correr um risco significativamente elevado: a probabilidade de infecção pelo HIV entre trabalhadores de sexo é até 30 vezes maior do que entre mulheres na população em geral. O estigma e a discriminação também dificultam a denúncia de violência à polícia, permitindo que a impunidade prevaleça. Os clientes, a polícia, os profissionais de saúde, e até mesmo as comunidades continuam a maltratar os trabalhadores de sexo sem consequências, prejudicando a sua saúde, segurança e bem-estar.

Os cortes em programas como a USAID e o PEPFAR significam que o número de espaços de apoio para trabalhadores de sexo está a diminuir rapidamente. Em 2025, narrativas prejudiciais e crenças profundamente enraizadas sobre o trabalho de sexo persistiam. Essas histórias alimentam a retórica anti-direitos e minam o progresso feito pelos movimentos liderados por trabalhadores de sexo em toda a região. Essa realidade destaca a necessidade urgente de evidências sólidas para desafiar a desinformação e amplificar as vozes dos trabalhadores de sexo. Para expor as violações de direitos contra os trabalhadores de sexo e fornecer-lhes evidências para sua defesa, o programa Hands Off apoia a documentação das violações. Proteger os direitos dos trabalhadores de sexo é fundamental para garantir saúde, protecção e dignidade para todas as pessoas.

COMO COLECTAMOS AS EVIDÊNCIAS?

Este relatório apresenta dados sobre violações dos direitos humanos contra mulheres, homens e transgéneros trabalhadores de sexo, documentadas entre Novembro de 2024 e Dezembro de 2025 no âmbito do programa Hands Off. Durante este período, foram reportados **2.917 casos por trabalhadores de sexo** em Moçambique, Zimbábue, Eswatini, Angola, África do Sul e Zâmbia.

As informações foram recolhidas por educadores de pares, defensores dos direitos humanos, paralegais, equipas de resposta a crises e trabalhadores de sexo. Todos eles desempenham um papel vital na prestação de apoio em toda a região. Quando um(a) trabalhador(a) de sexo procura assistência, o incidente é registado utilizando software seguro e confidencial para garantir a privacidade e a precisão.

"Narrativas prejudiciais e retórica anti-direitos destacam a necessidade urgente de evidências sólidas para combater a desinformação e expor as violações de direitos contra trabalhadores de sexo."

Embora este relatório forneça informações importantes, ele captura apenas um instantâneo da realidade enfrentada pelos trabalhadores de sexo. Os dados reflectem casos documentados nos locais de implementação do Hands Off, o que significa que muitas violações permanecem invisíveis e não registadas. Por detrás de cada estatística está uma pessoa cujos direitos fundamentais foram violados. Um lembrete poderoso de que estes números contam apenas parte da história.

PADRÕES DE VIOLÊNCIA

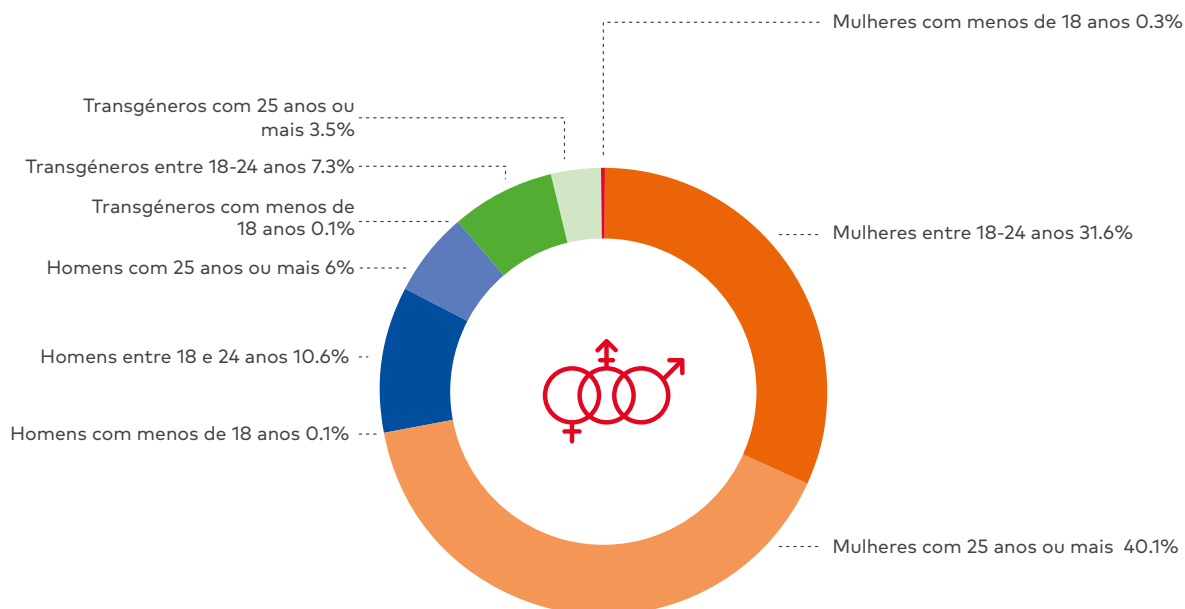
2025 marca o quinto ano de reporte de violações dos direitos humanos no âmbito do programa Hands Off. Os casos reportados aumentaram ligeiramente, passando de 2.624 em 2024 para 2.917 este ano. Este aumento pode indicar mais violações, mas também pode reflectir uma maior confiança entre os trabalhadores de sexo para denunciar e um melhor acesso a sistemas de apoio e denúncia. Novos parceiros de implementação em Angola começaram a documentar casos, embora as suas contribuições continuem a ser demasiado pequenas para explicar o aumento global.

Os clientes continuam a ser os principais autores de violência contra os trabalhadores de sexo. Em 2025, parceiros íntimos e familiares também surgiram como grandes fontes de abuso. Esta é uma mudança clara em relação ao ano passado, quando a comunidade em geral ocupava o segundo lugar. Esta mudança sugere que a violência contra trabalhadores de sexo não se limita ao ambiente de trabalho, mas também está profundamente enraizada nas relações pessoais. Isso mostra como as normas de género prejudiciais e os desequilíbrios de poder se estendem além do local de trabalho, deixando os trabalhadores de sexo expostos a abusos no trabalho e em casa.

Embora novos parceiros tenham aderido ao programa, Moçambique continua a dominar os relatórios, representando 66% de todas as violações documentadas. Isto reflecte a força dos seus sistemas de denúncia, e não a escala dos abusos. Os dados em Moçambique são recolhidos em todas as províncias e revistos mensalmente por trabalhadores de sexo e pela polícia para acompanhar as tendências e garantir o seguimento pelas autoridades policiais. Devido a este mecanismo de repórte robusto, o país influencia fortemente o conjunto de dados globais. Mais adiante neste relatório, analisamos mais detalhadamente os dados específicos do país para o Eswatini, um novo país que contribui para este relatório.

EVIDÊNCIAS DE VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS

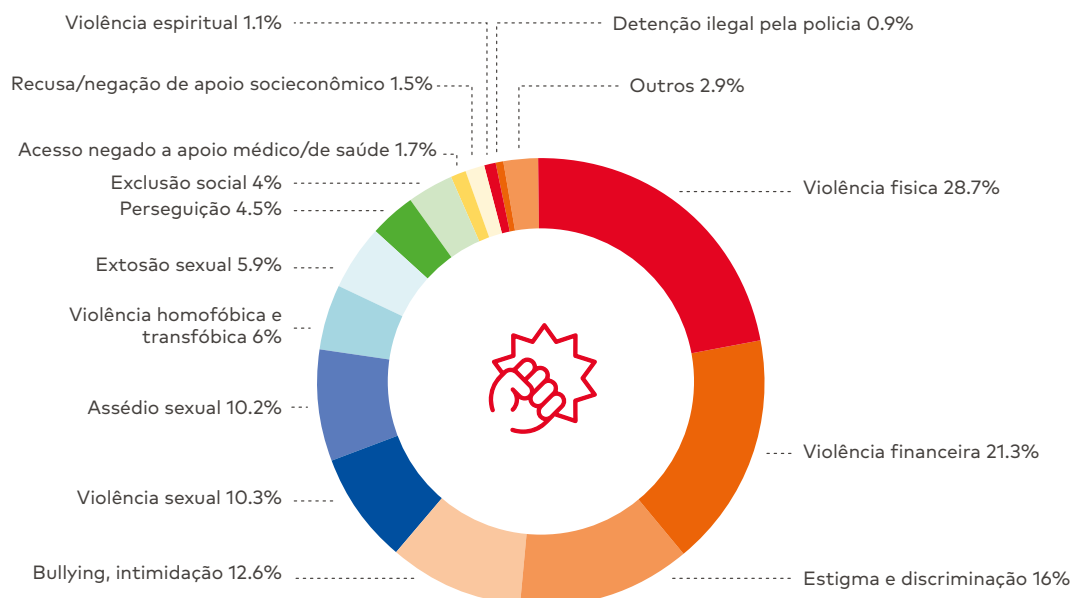
Gênero e faixas etárias



As mulheres trabalhadoras de sexo continuam a ser o maior grupo que denuncia violência (72%). Como elas representam a maior parte da população de trabalhadores de sexo em geral, isso não indica necessariamente um risco maior de violações dos direitos humanos. Elas reflectem, antes, o seu maior número dentro do sector. Os homens trabalhadores de sexo representam 16,7% das denúncias e os trabalhadores do sexo transgêneros, 11%.

As violações foram reportadas por pessoas que vendem sexo entre os 14 e os 57 anos de idade, com uma média de 26 anos. Pela primeira vez em cinco anos de documentação, os reportes de trabalhadores de sexo com 25 anos ou mais e aqueles com idades entre os 18 e os 24 anos são quase iguais, representando 49,8% e 49,6% dos casos, respetivamente. Embora 0,6% dos reportes tenham vindo de menores que vendem sexo, esses casos estão fora do âmbito do programa Hands Off. Portanto, este relatório concentra-se em trabalhadores de sexo adultos com 18 anos ou mais, que constituem o principal grupo-alvo do programa.

Tipos de violações



"Um cliente habitual invadiu o meu quarto enquanto eu estava fora e queimou todas as minhas roupas."

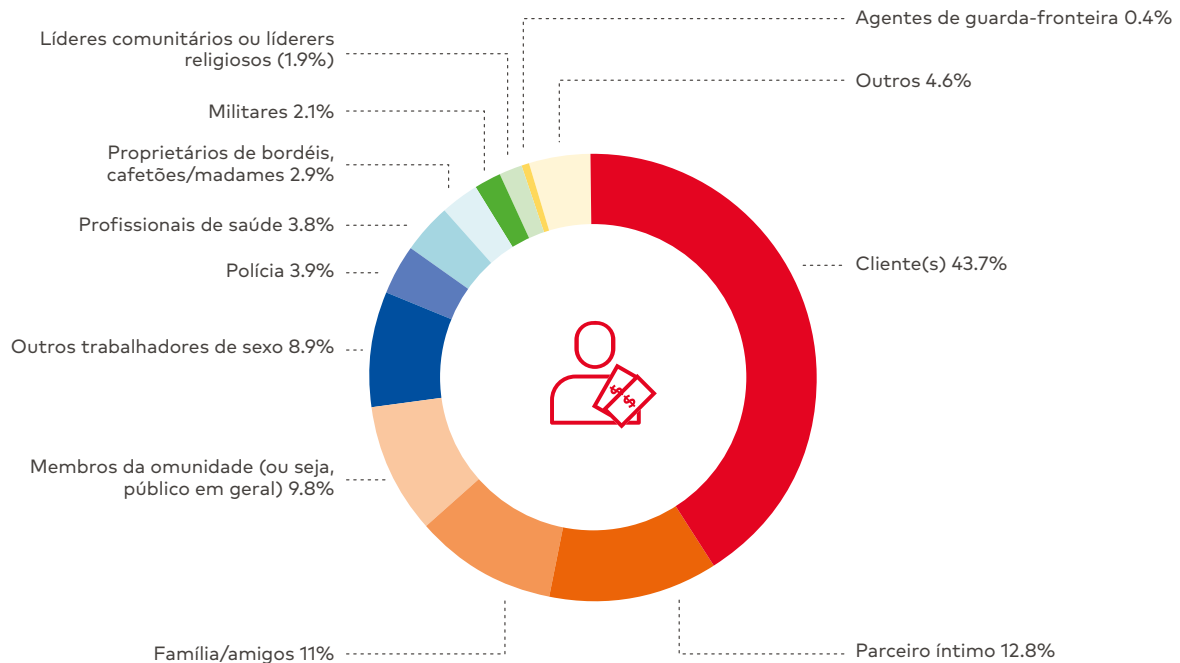
A violência física, a violência financeira e o estigma e a discriminação resultantes da sua profissão continuam a ser as principais formas de violência reportadas pelos trabalhadores de sexo, com 28,7%, 21,3% e 16%, respetivamente. Em 2025, também se verificou um aumento significativo na proporção de denúncias de violência sexual, representando 10,3% das violações reportadas, em comparação com 6,1% em 2024. Os trabalhadores de sexo também reportam violações como roubo de telemóveis, partilha de dados pessoais ou do seu estado serológico sem o seu consentimento, ou assédio motivado por homofobia ou acusações de feitiçaria. Em casos extremos, os trabalhadores de sexo reportaram vários casos de incêndio criminoso em que os seus pertences ou casas foram queimados, e um trabalhador de sexo reportou ter sido raptado e detido durante um mês. A maioria das violações ocorreu durante o trabalho (53,1%), mas também em casa (28,9%) ou em espaços públicos fora do horário de trabalho (11,6%). Os trabalhadores de sexo também reportaram violações ocorridas em igrejas, bares e num banco.

Aumento dos riscos em género e idade

Os homens e os transgéneros que exercem trabalho de sexo são mais propensos a reportar estigma e discriminação, bem como violência espiritual. Os homens trabalhadores de sexo são mais propensos a sofrer extorsão por sexo: 10% dos inquiridos do sexo masculino reportaram este tipo de violência, bem como 21,1% reportaram estigma e discriminação. Tanto as mulheres como os homens transgéneros trabalhadores de sexo eram mais propensos a reportar violência física (32,6% e 22,2% dos inquiridos, respetivamente). As mulheres trabalhadoras de sexo também eram mais propensas a reportar violência financeira, com 25,2% das mulheres inquiridas a sofrer esta forma de dano. O assédio foi reportado por 5,6% das mulheres trabalhadoras de sexo. As pessoas transgénero trabalhadoras de sexo reportaram os níveis mais elevados de estigma e discriminação, com 31,3% das pessoas transgénero inquiridas afectadas, e também reportaram taxas significativas de violência transfóbica, com 18,1%.

Os trabalhadores de sexo com mais de 25 anos eram mais propensos a reportar violência física (33,3%) e violência financeira (25,1%) do que os seus colegas entre os 18 e os 24 anos (24,5% e 17,5%, respectivamente). Os jovens trabalhadores de sexo reportaram mais casos de assédio sexual do que os seus colegas mais velhos, com 11,6% em comparação com 8,7%.

Perpetradores



Os clientes continuam a ser os principais perpetradores, responsáveis por 43,7% de todas as violações reportadas. Os parceiros íntimos são agora o segundo maior grupo, com 12,8%, marcando o seu segundo ano de crescimento constante. As denúncias envolvendo familiares e amigos mantiveram-se estáveis em 11%, enquanto os incidentes envolvendo membros da comunidade diminuíram de 13,8% para 9,8%, tornando-os o quarto grupo mais frequentemente reportado.

Embora os reportes envolvendo agentes da polícia e líderes comunitários ou religiosos tenham diminuído ligeiramente em comparação a 2024, os incidentes envolvendo profissionais de saúde aumentaram. Esta tendência é preocupante num momento em que os serviços de saúde voltados para trabalhadores de sexo continuam a enfrentar cortes de financiamento. Outros perpetradores identificados pelos trabalhadores de sexo incluíam ex-parceiros, pais, vizinhos e proprietários de bares e, em muitos casos, o(a) sobrevivente não conhecia o agressor.

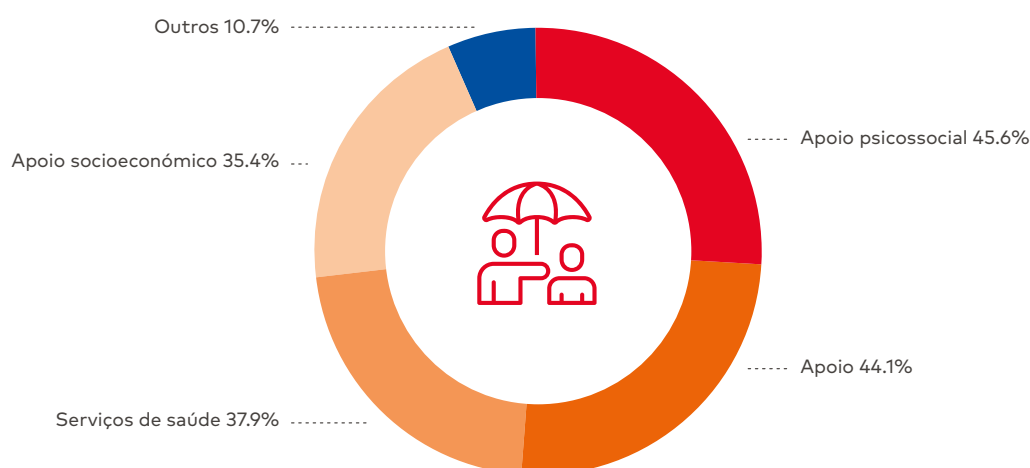
"Os pais do meu parceiro vieram à minha casa acusando-me de influenciar o filho deles a ser LGBT, porque ele mora comigo. Eles levaram-no com suas roupas, alegando que já tinham uma mulher com quem ele deveria casar-se."

As mulheres e transgéneros trabalhadores de sexo enfrentam o maior risco de violência por parte dos clientes, com 47,3% das mulheres e 40,6% dos transgéneros trabalhadores de sexo a reportarem violações relacionadas com os clientes. Os transgéneros e homens trabalhadores de sexo também são mais propensos a sofrer violações por parte de membros da comunidade, familiares e amigos, proprietários de bordéis e profissionais de saúde. Os trabalhadores de sexo com mais de 25 anos eram mais propensos a relatar violações por parte de clientes ou de outros trabalhadores de sexo, enquanto aqueles com idades entre 18 e 24 anos enfrentavam mais violência por parte do público em geral e de proprietários de bordéis ou cafetões.

Perpetradores por tipo de violência

As Tal como na amostra global, o tipo de perpetrador varia consoante a forma de violência reportada. Em quase todas as categorias, os clientes são os principais perpetradores. Dos 836 casos reportados de violência física contra jovens trabalhadores de sexo, os clientes foram responsáveis por 50,7%, seguidos pelos parceiros íntimos com 20,2% e outros trabalhadores de sexo com 11,7%. Os clientes também representaram a maior parte dos casos de violência financeira (63,1% dos 620 casos), estigma e discriminação (23,7%), bullying e intimidação (31,8%), violência sexual (63,1%) e extorsão para sexo (64%). Os parceiros íntimos eram normalmente os segundos perpetradores mais comuns, excepto nos casos de extorsão por sexo, que eram mais frequentemente atribuídos à polícia, e nos casos de estigma e discriminação, onde os membros da comunidade eram os responsáveis mais frequentes. Os membros da comunidade também eram os principais perpetradores de violência homofóbica e transfóbica, responsáveis por 38,1% dos 176 casos reportados.

Apoio a sobreviventes de violência



Além de documentar relatos de violência, os parceiros de implementação do Hands Off desempenham um papel crucial no apoio às vítimas de violência. Em 2025, 93,1% dos trabalhadores de sexo que reportaram uma violação dos direitos humanos afirmaram ter também tido acesso a pelo menos um tipo de serviço de apoio, com 48,5% dos inquiridos a terem acesso a vários serviços. Isto

"Eles deram um aviso à pessoa que estava a perseguir-me. Como se trata de um membro da família, eles optaram por resolver a situação através do diálogo, mas deixaram claro que, se algo assim voltar a acontecer, será comunicado à polícia."

representa a maior percentagem de sobreviventes de violência que tiveram acesso a serviços de apoio em cinco anos de documentação, e um aumento em relação aos 78,2% registados em 2024.

De modo geral, mais trabalhadores de sexo procuraram uma gama mais ampla de serviços de apoio do que em 2024. Aumentaram os pedidos de apoio psicossocial (45,6% contra 38,8%), assistência jurídica (44,1% contra 31,3%) e serviços de saúde (37,9% contra 30,5%), com um aumento particularmente notável no apoio socioeconómico (35,4% contra 16,8%). Essas constatações ressaltam a necessidade de serviços sensíveis e liderados por pares para trabalhadores de sexo que sofrem violência e destacam a importância de financiar organizações lideradas por trabalhadores de sexo para atender a essas necessidades crescentes. Outras formas de apoio (10,7%) incluíram a mediação de disputas entre trabalhadores de sexo e clientes, o acompanhamento de indivíduos a unidades sanitárias ou esquadras, e o fornecimento de espaços seguros onde os trabalhadores de sexo pudessem descansar e se recuperar.

Apesar desse progresso, certos grupos de trabalhadores de sexo continuam a ser mal atendidos. As mulheres e os transgêneros trabalhadores de sexo são menos propensos a procurar ou obter assistência jurídica, enquanto os homens e transgêneros trabalhadores de sexo ainda são menos propensos a ter acesso a apoio psicossocial. Camadas adicionais de normas sociais e estigma podem desencorajá-los a procurar ajuda. Os trabalhadores de sexo mais jovens também têm menos acesso a serviços psicossociais do que os seus colegas mais velhos. Estas diferenças confirmam a importância de adotar estratégias de divulgação inclusivas e personalizadas para garantir que todos os trabalhadores de sexo, independentemente do género ou idade, possam ter acesso seguro e confiante ao apoio de que necessitam.

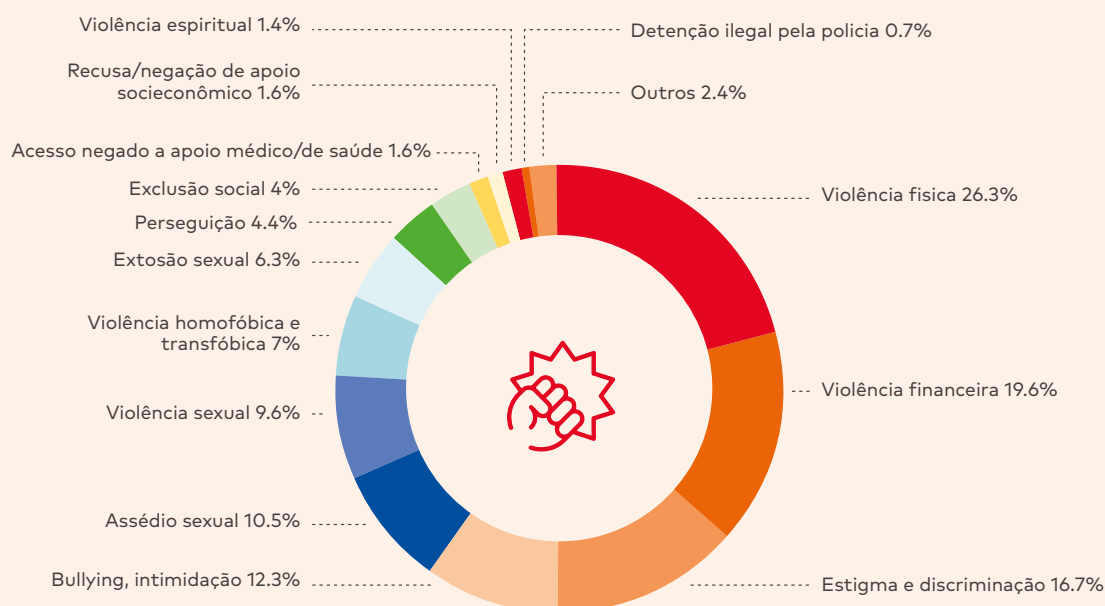
DADOS ESPECÍFICOS POR IDADE: JOVENS TRABALHADORES DE SEXO

Ao analisarmos os relatos de jovens trabalhadores de sexo, vemos que **2.190 violações de direitos humanos** foram registadas entre trabalhadores de sexo com idades entre 18 e 29 anos, representando um aumento notável em comparação com 1.867 relatos em 2024. Esse aumento sugere maior exposição à violência, melhoria no reporte ou uma combinação de ambos.

Neste conjunto de dados, a idade média das pessoas que reportaram violações foi de 23,1 anos. A maioria dos registos (66,1%) veio de trabalhadores de sexo entre 18 e 24 anos, enquanto 33,9% vieram de pessoas com idades entre 25 e 29 anos, uma distribuição que se alinha com relatórios anteriores e provavelmente reflecte a composição etária dos jovens trabalhadores de sexo de forma mais ampla.

As mulheres jovens trabalhadoras de sexo constituíram novamente o maior grupo de reporte. As mulheres trabalhadoras de sexo representaram 66,5% de todos os reporte de jovens trabalhadores de sexo. Os homens trabalhadores de sexo representaram 20,3% do total de reporte, enquanto os trabalhadores de sexo transgénero representaram 13,1%.

Violações sofridas por jovens trabalhadores de sexo



Em comparação com 2024, a violência física ultrapassou o estigma e a discriminação como violação mais reportada, aumentando substancialmente de 20,5% para 26,3%. A violência financeira também aumentou ligeiramente, enquanto os relatos de estigma e discriminação diminuíram, sugerindo uma mudança para formas mais evidentes e físicas de danos que afectam jovens trabalhadores de sexo.

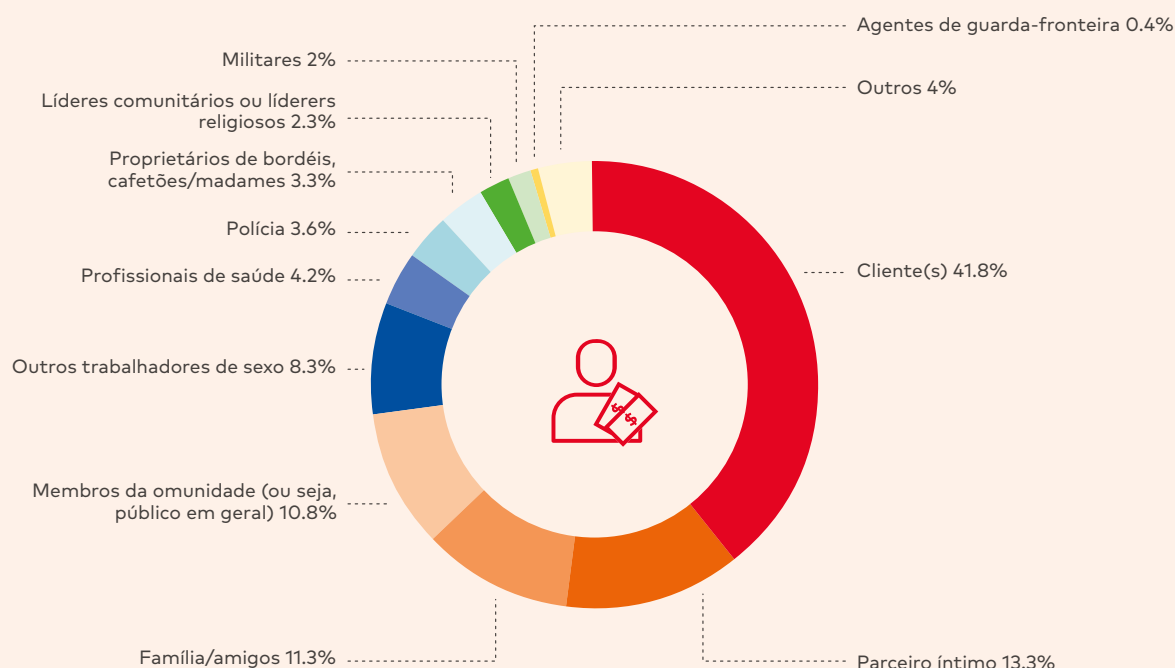
As violações mais frequentemente reportadas entre jovens trabalhadores de sexo em 2025 foram violência física (26,3%), violência financeira (19,6%) e estigma e discriminação (16,7%), seguidas por bullying e intimidação (12,3%), assédio sexual (10,5%) e violência sexual (9,6%). Os padrões de violência mostram sobreposições importantes entre os grupos de gênero e idade. O estigma e a discriminação continuam a ser grandes preocupações para os jovens trabalhadores de sexo. Essas formas de violência são reportadas especialmente por homens e transgêneros trabalhadores de sexo, que também sofrem violência homofóbica e transfóbica (21,6% e 17,1%, respectivamente). Esses resultados são consistentes com os de 2024, confirmando que o preconceito baseado na identidade continua a contribuir para a violência que esses grupos sofrem.

A violência física e financeira é mais frequentemente reportada entre mulheres trabalhadoras de sexo e trabalhadores de sexo com idades entre 25 e 29 anos, indicando vulnerabilidades sobrepostas. As mulheres trabalhadoras de sexo e os com idades entre 25 e 29 anos são mais propensas a sofrer extorsão por sexo e outras formas de violência financeira, refletindo os mesmos padrões observados no ano anterior. A extorsão por sexo também é uma preocupação crescente entre os trabalhadores de sexo masculinos, embora continue a ser menos comum do que outros tipos de violência. Ao mesmo tempo, os relatos de violência física aumentaram em todo o grupo em geral.

A violência sexual e o assédio sexual são reportados com mais frequência por jovens trabalhadores de sexo com idades entre 18 e 24 anos, refletindo uma maior vulnerabilidade entre o grupo mais jovem. Essas violações podem ser causadas por questões interligadas, como poder físico ou financeiro limitado e estigma relacionado à idade. Embora reportada em níveis relativamente baixos no geral, a violência espiritual aparece com mais frequência entre homens e transgêneros trabalhadores de sexo e entre aqueles com idades entre 18 e 24 anos, sugerindo que a idade e a identidade, juntas, moldam a vulnerabilidade a essa forma de violência.

"Fui empurrada por um motorista de caminhão depois de terminar o serviço no caminhão. Caí, parti a perna e outros trabalhadores de sexo ajudaram-me a chegar ao hospital."

Perpetradores contra jovens trabalhadores de sexo

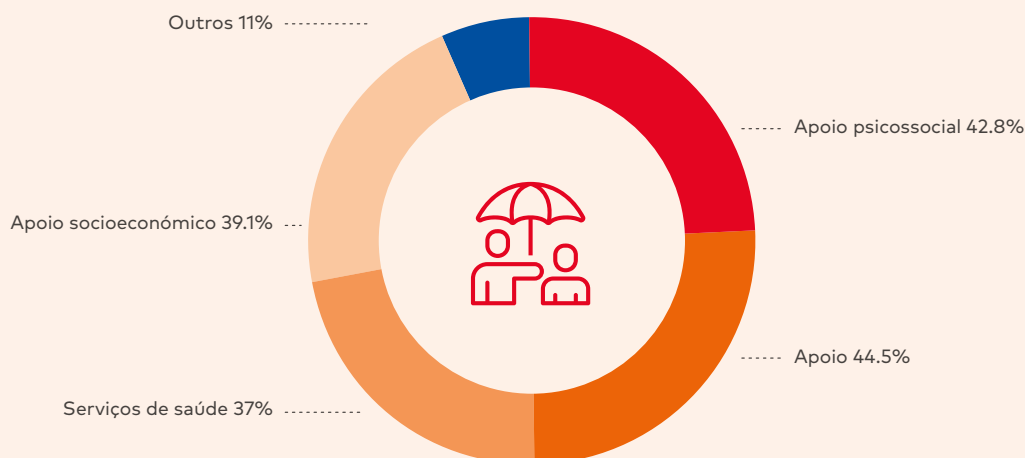


Os jovens trabalhadores de sexo sofrem violência por parte de quase os mesmos tipos de perpetradores que a amostra geral. A classificação permanece praticamente inalterada, com clientes, parceiros íntimos e pessoas do seu círculo próximo aparecendo como os perpetradores mais comuns para ambos os grupos. Eles reportaram frequentemente a violência que ocorre em casa (29,6%).

Os trabalhadores de sexo mais jovens reportam níveis ligeiramente mais elevados de violência por parte do público em geral, sugerindo que podem sofrer mais assédio em espaços comunitários. Em contrapartida, os trabalhadores de sexo da amostra geral reportam níveis marginalmente mais elevados de violência por parte dos clientes e, em menor grau, por parte de outros trabalhadores de sexo. Os trabalhadores de sexo com idades entre 18 e 24 anos não parecem correr maior risco de violência do que aqueles com idades entre 25 e 29 anos. Estes últimos reportam níveis ligeiramente mais elevados de violência por parte de outros trabalhadores de sexo.

Os clientes permaneceram os perpetradores mais comuns de violência contra jovens trabalhadores de sexo, e a sua participação aumentou ainda mais este ano, para 41,8%. Mulheres jovens e transgéneros trabalhadoras de sexo eram mais propensas a reportar a violência por parte desse grupo de perpetradores. As mulheres jovens trabalhadoras de sexo também reportavam com mais frequência a violência por parte de parceiros íntimos. Homens jovens e transgéneros trabalhadores de sexo reportavam com mais frequência membros da comunidade e líderes religiosos como perpetradores do que as mulheres trabalhadoras de sexo. Esses dois grupos também eram mais susceptíveis a reportar profissionais de saúde como perpetradores.

A poio a jovens sobreviventes de violência



Os parceiros do Hands Off continuaram a fortalecer o seu apoio sensível à idade e ao género para os trabalhadores de sexo, e os dados sugerem que esses esforços estão a ter um efeito positivo. Em 2025, mais de nove em cada dez jovens trabalhadores de sexo (92,6%) que reportaram uma violação dos direitos humanos tiveram acesso a um ou mais serviços de apoio, um aumento substancial em relação a 2024 (74,7%). Quase metade deles (48,5%) utilizou vários serviços de apoio, reflectindo o reforço das vias de encaminhamento e a melhoria da coordenação dos serviços. A maioria dos sobreviventes de violência recebeu apoio jurídico após o incidente (44,5%), tendo sido assistidos na apresentação da violação ao tribunal. O apoio socioeconómico mais do que duplicou num ano, passando de 17,1% para 39,1%. O aumento reflecte provavelmente uma maior necessidade deste tipo de apoio entre os jovens trabalhadores de sexo, ou melhores processos de identificação e encaminhamento.

"O(a) ponto focal veio à minha casa para conversar comigo e fazer-me companhia. Não me deixaram sozinho(a) no dia do incidente e acompanhou-me ao psicólogo."

Apesar deste progresso, persistem disparidades importantes entre os grupos de género. Em comparação com os homens trabalhadores de sexo, as mulheres e as transgénero trabalhadoras de sexo tinham menos probabilidades de ter acesso a apoio jurídico, e as mulheres trabalhadoras de sexo tinham ainda menos probabilidades do que as transgénero trabalhadoras de sexo. Isto sugere que os recursos jurídicos podem continuar a ser menos acessíveis a certos grupos, possivelmente devido a barreiras financeiras ou desconfiança institucional. Ao mesmo tempo, os jovens transgéneros trabalhadores de sexo eram menos propensos do que seus homólogos homens e mulheres a ter acesso a apoio psicossocial, reflectindo os desafios identificados em anos anteriores. As possíveis barreiras incluem o estigma nos ambientes de atendimento, a falta de cuidados inclusivos para transgéneros ou experiências anteriores de discriminação ao procurar apoio.

Embora o acesso ao apoio tenha se expandido de maneira geral, essas lacunas mostram que nem todos os jovens trabalhadores de sexo beneficiam igualmente dos serviços disponíveis. Abordagens personalizadas, que afirmam a identidade e respondem às necessidades da idade, continuam sendo essenciais para garantir que os sistemas de apoio sejam acessíveis e eficazes para todos os jovens sobreviventes de violência.

RECOMENDAÇÕES

Recommendations for politicians and policymakers:

- > Descriminalizar o trabalho sexual! É a estratégia mais eficaz para melhorar e proteger a vida dos trabalhadores de sexo e os seus direitos humanos. A descriminalização cria um ambiente favorável ao trabalho de sexo e aumenta o acesso aos sistemas judiciais, aos cuidados de saúde e a condições de trabalho mais seguras.
- > Garantir a plena participação dos trabalhadores de sexo. Incluir os trabalhadores de sexo em todas as etapas da elaboração de políticas e leis que dizem respeito à sua saúde, direitos e protecção.
- > Promover o envolvimento e a participação significativa de jovens trabalhadores de sexo e jovens em geral em todas as fases de consulta, revisão, desenvolvimento e harmonização de políticas.
- > Integrar os trabalhadores de sexo em todas as plataformas existentes contra a violência de género e estruturas de apoio a sobreviventes de violência. Garantir que os trabalhadores de sexo tenham informações claras e acessíveis sobre onde e como obter apoio.

Recomendações para os financiadores:

- > Garantir que as necessidades de financiamento sejam atendidas. O financiamento para programas destinados aos trabalhadores de sexo é deixado para trás: apenas 0,3% de todo o financiamento na região da África Oriental e Austral é alocado a programas para trabalhadores de sexo com foco no HIV e em facilitadores sociais.¹ Colmatar essa lacuna de financiamento é essencial para garantir que os direitos dos trabalhadores de sexo sejam protegidos.
- > Proporcionar financiamento flexível e a longo prazo a organizações lideradas por trabalhadores de sexo. Investir no reforço da sua capacidade, sustentabilidade e resiliência a longo prazo.
- > Fornecer financiamento também direcionado a facilitadores sociais, incluindo esforços destinados a diminuir as violações dos direitos humanos contra trabalhadores de sexo. Disponibilizar financiamento para intervenções como literacia em direitos, advocacia para reforma de leis e melhoria do acesso dos trabalhadores de sexo à justiça.
- > Investir em financiamento de base para criar sistemas que sejam sustentáveis e de longo prazo.
- > As vozes da comunidade são importantes. Financiar directamente iniciativas lideradas por trabalhadores de sexo para garantir que os recursos cheguem àqueles que estão em melhor posição para conceber soluções eficazes e baseadas nos direitos.

¹ Aidsfonds (2025) Dangerously Off Track. How Funding for the HIV response is leaving key populations behind. https://aidsfonds.org/wp-content/uploads/2025/09/Dangerously_off_track_EN_web_2.pdf

Recomendações para agências da ONU e sociedade civil:

- > Ser um aliado. Apoiar activamente a agenda de descriminalização do trabalho de sexo e avançar para acabar com a violência contra trabalhadores de sexo.
- > Alertar sobre os dados de violações dos direitos humanos dos trabalhadores de sexo a nível das Nações Unidas, a fim de reforçar a implementação eficaz dos Quadros Africanos e Globais de Direitos Humanos.
- > Financiar e apoiar directamente iniciativas de programação para trabalhadores de sexo.
- > Criar programas que abordem amigos, aliados e familiares quando eles são os perpetradores da violência. O envolvimento desses actores do círculo próximo pode desempenhar um papel fundamental na prevenção e redução da violência contra trabalhadores de sexo.

Recomendações para o movimento de trabalhadores de sexo:

- > Buscar iniciativas colectivas de resolução de conflitos. Incluir a superação de divergências intergeracionais e combater em conjunto a violência entre trabalhadores de sexo. Os activistas e líderes dos trabalhadores de sexo devem promover a unidade dentro da sua comunidade para lidar com os perpetradores comuns de violência de forma colectiva, incluindo clientes e a sociedade em geral.
- > Reconhecer o papel dos jovens trabalhadores de sexo e capacitá-los para defender os seus direitos humanos de forma eficaz, o que é essencial para poder desafiar a injustiça e a violência.
- > Reconhecer e elogiar as diversas competências que acompanham os diversos trabalhadores de sexo.
- > A liderança transformadora é uma realidade. Fortalecer esforços para apoiar e elevar os jovens trabalhadores de sexo que assumem funções de liderança.

COMUNIDADES NA LIDERANÇA

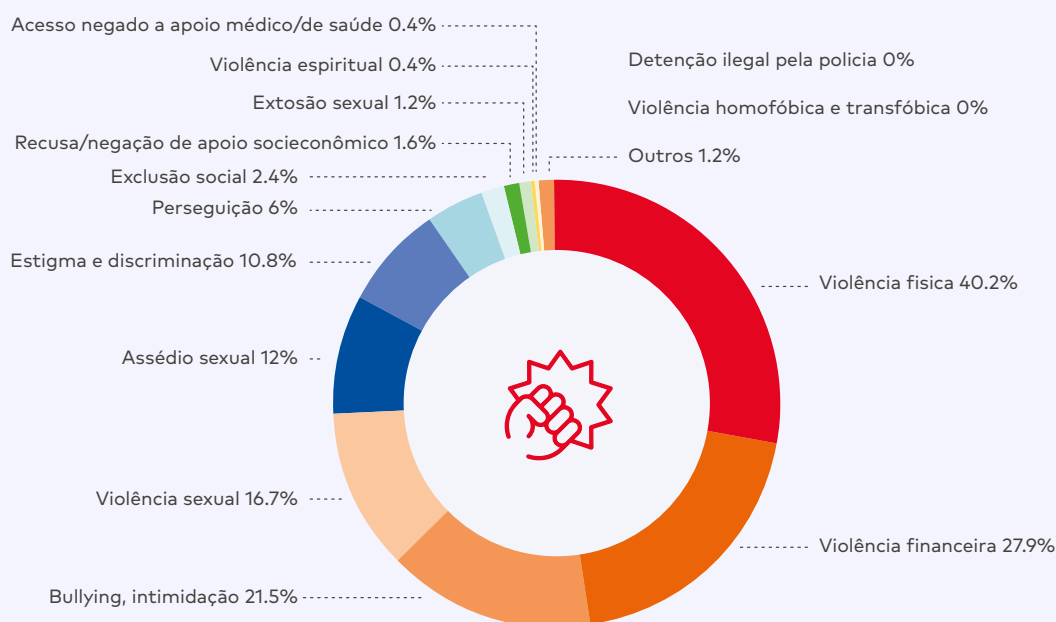
As iniciativas lideradas pela comunidade são a forma mais eficaz de reduzir o HIV e a violência. Iniciativas lideradas por trabalhadores de sexo provaram reduzir o risco de novas infecções por HIV entre os trabalhadores de sexo em 32%. É essencial financiar iniciativas lideradas por trabalhadores de sexo e juntar-se a elas.



ESWATINI: DADOS ESPECÍFICOS DO PAÍS

A Voice of Our Voices (VOOV) aderiu ao programa Hands Off em Julho de 2024, tornando 2025 o primeiro ano completo de acompanhamento das violações dos direitos humanos em Eswatini. Esta secção sobre Eswatini fornece uma visão original sobre as questões enfrentadas pelos trabalhadores de sexo swazis e identifica áreas-chave onde é necessário reforçar ainda mais o apoio.

Na Eswatini, foram registadas **251 violações dos direitos humanos** entre Dezembro de 2024 e Novembro de 2025 em Shiselweni, Hhhohho, Lubombo e Manzini. Como a VOOV trabalha principalmente com mulheres trabalhadoras de sexo e está a expandir o seu alcance para outros grupos de género, apenas duas violações foram reportadas por um trabalhador de sexo masculino ou transgénero. As denúncias foram feitas por indivíduos que vendem sexo entre 17 e 49 anos de idade, com uma idade média de 26,9 anos para os trabalhadores de sexo que denunciaram uma violação. 43% dos relatos vieram de trabalhadores de sexo entre 18 e 24 anos, e 55% dos relatos vieram de trabalhadores de sexo com mais de 25 anos de idade.²



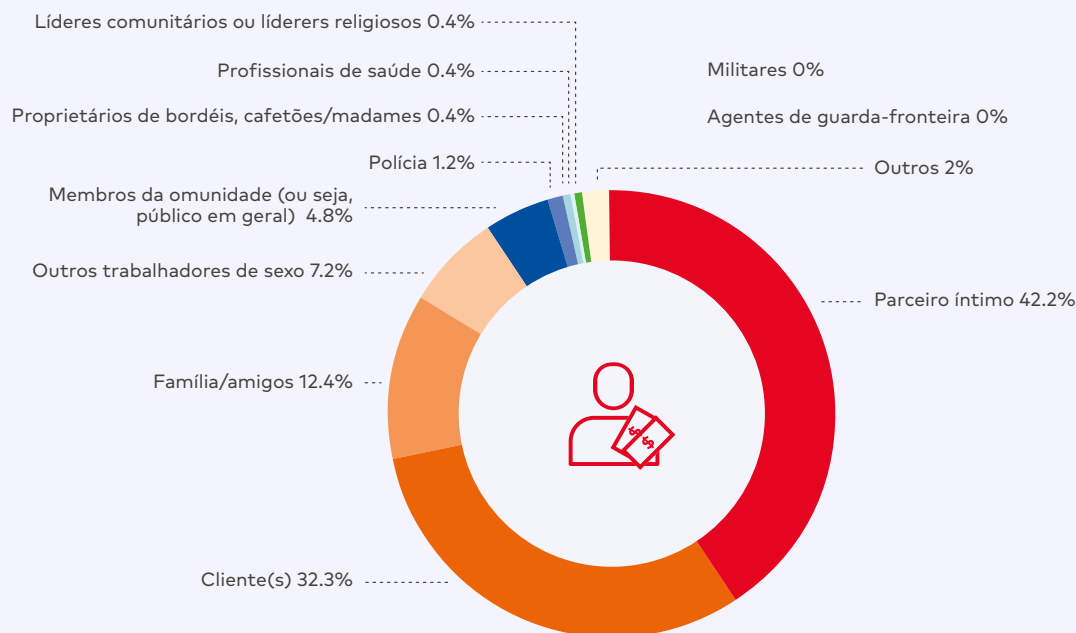
A violência física é o tipo mais comum de violência sofrida pelos trabalhadores de sexo em Eswatini (40,2%). Embora isso esteja de acordo com as constatações do relatório regional, ocorre a uma taxa significativamente mais elevada do que no conjunto de dados global (28,7%). Em seguida, vêm a violência financeira (27,9%), o bullying e intimidação (21,5%) e a violência sexual (16,7%), todos reportados com mais frequência do que no relatório regional (21,3%, 12,6% e 10,3%, respectivamente). Curiosamente, o estigma e a discriminação entre trabalhadores de sexo relacionados com a sua profissão são reportados a uma taxa mais baixa em Eswatini em comparação com o relatório regional (10,8% contra 16,0%).

² 5 violations (2%) were reported by minors who sell sex under the age of 18.

Diferenças relacionadas com a idade

No conjunto de dados de Eswatini, nenhuma faixa etária reportou um risco estatisticamente significativo de tipos específicos de violência em comparação com outras. No entanto, ainda existem pequenas diferenças nas taxas de denúncias entre trabalhadores de sexo acima e abaixo de 25 anos. Os trabalhadores de sexo mais jovens correm um risco ligeiramente maior de violência física (42,6%), violência sexual (20,4%) e bullying e intimidação (24,1%). Os trabalhadores de sexo mais velhos correm um risco ligeiramente maior de violência financeira (29,0%) e perseguição (7,2%). Tanto os trabalhadores de sexo mais velhos quanto os mais jovens correm quase o mesmo risco de assédio sexual (11,6% e 12,0%, respectivamente), e extorsão por sexo (1,4% e 0,9%).

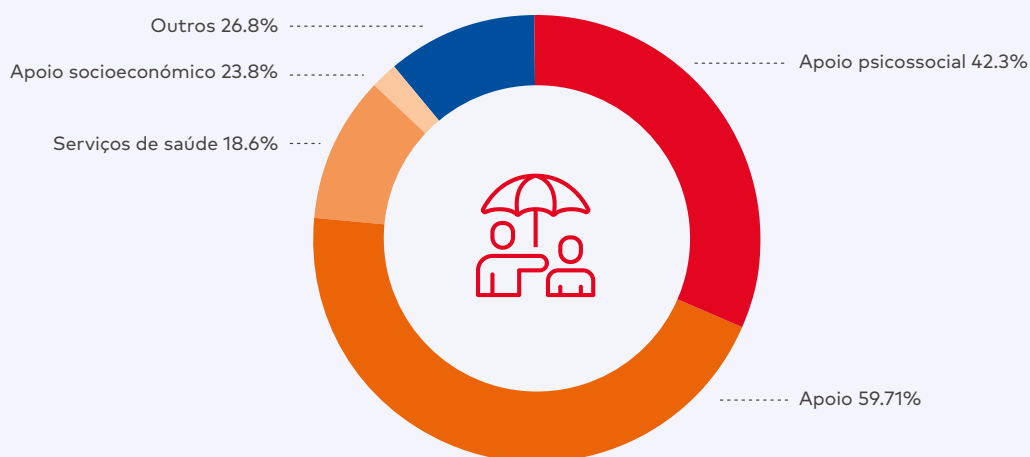
Perpetradores



É surpreendente ver os parceiros íntimos como os principais perpetradores de violência (42,2% de todos os casos reportados) uma vez que este não é um padrão comum noutros locais. No conjunto de dados globais, os parceiros íntimos representam 12,8% de todos os perpetradores reportados. Esta constatação necessita de uma investigação mais aprofundada para compreender se a violência por parte do parceiro íntimo está relacionada com a profissão dos trabalhadores de sexo ou se reflecte simplesmente os níveis já elevados de violência perpetrada por um parceiro íntimo na população em geral. Os clientes são os segundos perpetradores mais comuns, com 32,3%, em comparação com 43,7% no relatório regional.

Tanto os trabalhadores de sexo entre 18 e 24 anos como aqueles com mais de 25 anos reportaram violência por parte do parceiro íntimo em taxas quase iguais (42,6% contra 43,5%). Em contraste com o conjunto de dados regionais, os trabalhadores de sexo mais jovens correm um risco ligeiramente maior de sofrer violência por parte dos clientes em comparação com os trabalhadores de sexo mais velhos. Por outro lado, muitas das tendências permanecem as mesmas, com poucas relações estatisticamente significativas entre a idade e o perpetrador no conjunto de dados de Eswatini.

Apoio aos sobreviventes da violência



O apoio aos sobreviventes de violência é prestado principalmente pela Voice of Our Voices. Os seus assistentes sociais em todas as quatro províncias de Eswatini são elos fundamentais entre a comunidade e os serviços essenciais. Em 2025, 78,1% dos trabalhadores de sexo tiveram acesso a pelo menos um tipo de serviço de apoio, com 23,5% a ter acesso a uma combinação de serviços. 21,9% dos trabalhadores de sexo não tiveram acesso a nenhum tipo de apoio.

Entre aqueles que tiveram acesso a serviços de apoio, o apoio jurídico foi o serviço mais procurado, com 59,7%, uma proporção significativamente maior do que a registada no conjunto de dados regionais (44,1%). O apoio psicossocial foi a segunda forma mais comum de apoio acessada, com 42,3%. Os trabalhadores de sexo em Eswatini tiveram acesso a serviços de saúde em uma proporção muito menor do que seus pares nos dados regionais, com 13,8% em comparação com 37,9%. A utilização dos serviços entre os trabalhadores de sexo em Eswatini provavelmente é reduzida devido a restrições de financiamento duradouras que levaram algumas organizações a reduzir os serviços específicos para trabalhadores de sexo.

RECOMENDAÇÕES

A Voice of Our Voices defende as seguintes acções para eliminar a violência contra os trabalhadores de sexo em Eswatini:

- > Combater o estigma e a discriminação através de iniciativas sustentadas de sensibilização pública.
- > Reforçar a proteção legal e a resposta das autoridades policiais para garantir que os trabalhadores de sexo tenham acesso igualitário à justiça.
- > Melhorar os serviços de saúde adaptados às necessidades dos trabalhadores de sexo, incluindo tratamento de ITS, cuidados de saúde reprodutiva, e apoio à saúde mental.
- > Advogar pela descriminalização do trabalho de sexo para reduzir a marginalização e melhorar a segurança, ao mesmo tempo que se combate o tráfico e a exploração de seres humanos.
- > Envolver directamente os trabalhadores de sexo na elaboração de políticas e programas, para garantir que as suas experiências e perspectivas influenciem as soluções.

Categorias de violações de direitos

A violência física inclui espancamento, brutalidade, socos e uso de objectos e armas tais como pistolas, facas e spray de pimenta.

A violência sexual inclui agressão sexual, violação, serviços sexuais indesejados, sexo indesejado sem preservativo..

O assédio sexual é definido como olhares, gestos e comentários sexuais indesejados.

A extorsão sexual inclui sexo em troca de libertação da custódia policial, sexo em troca de drogas e álcool ou suborno.

A violência financeira inclui extorsão de dinheiro, recusa em pagar ou roubo de dinheiro.

O bullying e a intimidação são vistos como formas de assustar alguém para que faça algo, usando ameaças.

O estigma e a discriminação incluem injúrias, estereótipos, preconceitos, tratamento negativo e injusto, discriminação em unidades sanitárias.

A violência homofóbica e transfóbica é definida como violência especificamente perpetrada devido à sexualidade ou identidade de género. (LGBTIQ)

A detenção ilegal pela polícia envolve manter um trabalhador de sexo em cativeiro, apesar de não haver base legal para tal. Perseguição é definida como seguir, observar ou assediar outra pessoa.

A recusa de acesso a assistência médica/saúde inclui impedir o acesso a medicamentos (como tratamento para o HIV) e serviços de prevenção e tratamento médico.

A recusa/negação de apoio socioeconómico, inclui impedir o acesso a pacotes de ajuda e acesso a empréstimos, habitação, etc.

A violência espiritual inclui impedir que os trabalhadores de sexo frequentem locais de culto ou participem em eventos religiosos, usar a religião para justificar a violência e a exclusão da comunidade religiosa.

A exclusão social é vista como exclusão por parte dos membros da família próxima, da comunidade em geral, incluindo amigos e outros trabalhadores de sexo.

Dados fornecidos por:

 **aidsfonds**

 **SASWA**
SOUTHERN AFRICA SEX WORKERS ALLIANCE

 **Sisonke**
National sex workers' movement in South Africa

 **sweat**
sex workers' education & advocacy training

 **PNDTS**
QUEREMOS DERECHOS

 **North Star Alliance**



 **PATHFINDER**

O modelo Hands Off tem sido eficaz na redução da violência contra trabalhadores de sexo. Para mais informações sobre o programa: www.aidsfonds.org/hands-off

Tornado possível graças ao apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos



Kingdom of the Netherlands